

Realidade em balanço<sup>1</sup>Jeremy Till<sup>2</sup>

Tradução e revisão:

**Francisco Sales Trajano Filho**

Arquiteto, professor doutor do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Avenida Trabalhador Sancarlene, 400, CEP 13.566-590, São Carlos, SP, (16) 33739294, sales@sc.usp.br

**Fábio Lopes de Souza Santos**

Arquiteto, professor doutor do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Avenida Trabalhador Sancarlene, 400, CEP 13.566-590, São Carlos, SP, (16) 33739294, sotosantos@uol.com.br

*O que os humanos fizeram, os humanos podem desfazer. Não aceito que tenhamos alcançado um ponto de não-retorno.... Enquanto a esperança ainda existir, escrever obituários para a humanidade é dolorosamente prematuro. E eu sou incapaz de me livrar da crença de que a esperança é imortal; assim como Deus, ela só pode perecer junto com a espécie humana.* Zygmunt Bauman, *Of God and Man*, 2015

*Make facts great again!* Slogan da Women's March, janeiro 2017

Soube que tinha sido alçado a membro da “elite liberal metropolitana” quando apareci na matéria principal do *Daily Mail*, o tablóide que foi instrumental em primeiro construir e depois em vilipendiar essa tribo. Em uma história complicada sobre o *Brexit*<sup>1</sup> que tentava manchar a reputação dos juízes da Suprema Corte do Reino Unido, fui criticado por ter “escrito e-mails para os estudantes no dia seguinte ao referendo da União Europeia para dizer que o voto no *Leave* ‘arrasou meu coração’, acrescentando: Não me desculpo por compartilhar meu choque e desalento”. Bem, eu de fato enviei mensagens aos meus colegas na Central Saint Martins, mas não aos meus estudantes. Mas afinal, quando foi que uma pequena questão de precisão passou a ser importante para a nova propaganda populista?

Como poderia, eu, então, como membro da esquerda míope que não só não imaginava como possível a presidência de Donald Trump ou a saída do Reino Unido da União Europeia, mas que é agora largamente associada às causas que conduziram a essas duas votações, dizer alguma coisa sensata sobre arquitetura e ativismo nessa nova era? Podem as “elites liberais” que são parte do problema – a polarização social e econômica que prevalece

tanto nos Estados Unidos como no Reino Unido – verdadeiramente contribuir para qualquer solução construtiva? É essa a sensação de impotência que atravessa muitos dos pensamentos sobre Trump/*Brexit*, com os autores liberais identificando-se com as desgraças da situação e aprisionados em sua própria raiva e desespero. Tal impasse, entretanto, simplesmente restabelece a divisão binária que ambos os lados construíram nas campanhas para eleição presidencial e o referendo do *Brexit*, e que agora os vitoriosos perpetuam através de sua provocação de “maus perdedores”. Apesar das promessas de conciliação e inclusão, está claro que tanto Trump quanto os que apoiaram o *Brexit* implementarão políticas que reforcem a divisão; basta olhar para as escolhas do gabinete do primeiro e para o tratamento dos funcionários públicos por este último. Em ambos os casos o poder está sendo manejado em um esforço para ocultar a verdade (ou, como uma representante da equipe de relações públicas de Trump recentemente colocou, “oferecer fatos alternativos”<sup>2</sup>).

Mesmo estando realmente chocado e desanimado – não exatamente uma condição propícia para dar sentido a essas novas realidades assustadoras – este

<sup>1</sup> Originalmente publicado em *Places Journal*, em janeiro de 2017 (acesso: 16/02/2017). Para uma leitura do original, <<https://placesjournal.org/article/realityinthebalance/#>>. A publicação desta versão em português foi possível graças à gentileza do autor e de Nancy Levinson, editora e diretora executiva do *Places Journal*. A eles fica o agradecimento.

<sup>2</sup> Jeremy Till é arquiteto, professor e autor de vários livros e ensaios publicados em revistas internacionais. Entre seus livros estão *Flexible Housing* (2007), com Tatjana Schneider, *Architecture depends* (2009) e *Spatial Agency: others ways of doing architecture* (2011), este último em co-autoria com Tatjana Schneider e Nishat Awan. Os três livros ganharam o RIBA President's Award for Outstanding Research. Jeremy Till foi professor e diretor do curso de arquitetura da University of Sheffield e desde 2012 é diretor do ... continua próxima página ...

... continuação da nota 2 ...

Central Saint Martins College of Arts and Design e Pro Vice-Chancellor, University of the Arts, Londres. Como arquiteto, trabalhou com Sarah Wigglesworth Architects e foi curador do pavilhão britânico da Bienal de Arquitetura de Veneza de 2006. Para maior conhecimento acerca de sua atuação e produção, ver o site <<http://www.jeremytill.net/>>.

<sup>3</sup> Nota dos tradutores (N.T.): *Brexit* é o neologismo criado a partir da junção das palavras *Britain* (Grã-Bretanha) e *Exit* (saída), como ficou conhecido o processo de saída do Reino Unido da União Europeia, aprovada em referendo realizado no dia 23 de junho de 2016. Os partidários da permanência ou saída do Reino Unido se organizaram basicamente em dois blocos durante a campanha, *Remain/Stay* (Permanecer) e *Leave/Sair*, aos quais refere-se o autor no decorrer do texto.

<sup>4</sup> John Wagner, “Trump adviser Kellyanne Conway says White House press secretary presented ‘alternative facts’”, *The Washington Post*. Disponível em: <[https://www.washingtonpost.com/news/post-politics/wp/2017/01/22/trump-adviser-kellyanne-conway-says-white-house-press-secretary-presented-alternative-facts/?utm\\_term=.c3fcd764dab](https://www.washingtonpost.com/news/post-politics/wp/2017/01/22/trump-adviser-kellyanne-conway-says-white-house-press-secretary-presented-alternative-facts/?utm_term=.c3fcd764dab)>.

<sup>5</sup> N.T.: Embora possam soar como sinônimos aos leitores brasileiros, as posturas “liberal” e “libertária” guardam sutilezas no contexto original anglo-saxão de sua enunciação. Grosso modo, o que o autor chama de liberal equivaleria aqui a uma postura mais propriamente social-democrata, algo como uma centro-esquerda, partidária do capitalismo como modelo econômico combinado à garantia das conquistas sociais e trabalhistas advindas dos governos de bem-estar social. Por sua vez, o termo libertário, tal como usado pelo autor no texto, aproxima-se muito do sentido atribuído à palavra “neoliberal” no debate político e econômico contemporâneo, ou seja, de exacerbação da primazia do indivíduo, de recusa ao reconhecimento do Estado e sua autoridade e de defesa intransigente do livre mercado e da livre iniciativa como pressupostos capitalistas.

ensaio é uma primeira tentativa de interpretá-las e também indicar possibilidades de ação. E o faço não como um membro pago de uma elite liberal qualquer, mas como cidadão. O primeiro termo tem se tornado quase desprovido de sentido pela equivocada confusão de liberal com a esquerda, e pela rejeição dissimulada de um tipo de elite (o *establishment* político e intelectual) em favor de outra (corporativa e libertária)<sup>3</sup>. Enquanto isso, o papel do cidadão adquiriu uma nova e vigorosa atualidade no comovido discurso de despedida de Barack Obama<sup>4</sup>. Como então poderíamos pensar e agir como cidadãos nestes tempos politicamente incertos e socialmente voláteis? Quais papéis poderíamos desempenhar como cidadãos-arquitetos?

Na tentativa de responder a essas questões, encontrei uma nova relevância em um livro publicado há vinte e cinco anos atrás: *As consequências da modernidade*, de Anthony Giddens. Estou particularmente interessado no que Giddens descreve como as quatro “reações adaptativas” às turbulências da modernidade, aos riscos que têm trazido. Giddens descreve a modernidade como um “carro de Jagrená — uma máquina em movimento de enorme potência que, coletivamente como seres humanos, podemos guiar até certo ponto, mas que também ameaça escapar de nosso controle e se espatifar”<sup>5</sup>. Após todos esses anos o mecanismo desgarrado ganhou mais velocidade e menos controle, enquanto múltiplas forças – globalização, migração humana, mudança climática, a surpreendente ascensão do mundo cibernético – aceleraram o ritmo da mudança. As quatro reações adaptativas de Giddens – otimismo sustentado, pessimismo cínico, aceitação pragmática, engajamento radical – permanecem como um conjunto útil e adaptável de parâmetros a partir do qual avaliar nossas respostas ao carro de Jagrená nesse momento atual. Em cada caso eu tenho buscado relacionar as reações de Giddens, primeiro à nossa paisagem política, e depois aplicá-las mais diretamente ao contexto da arquitetura. Como veremos, somente com a última categoria, somente com o engajamento radical, a relação se torna de fato útil. Mas, paciência: é necessário passar pelas três primeiras categorias para chegarmos lá.

## Otimismo sustentado

O “Otimismo sustentado”, escreve Giddens, “é essencialmente a persistência das atitudes do

Iluminismo, uma fé contínua na razão providencial a despeito de quaisquer ameaças de perigo atuais”. O Otimismo sustentado é vital para qualquer campanha política bem-sucedida, seja ela enraizada ou não em algum tipo de “razão providencial”. Obama prometeu uma nova esperança, Trump uma grandeza renovada, a campanha do *Leave* uma soberania recuperada. Nenhuma dessas campanhas ofereceu indícios ou alguma política capaz de embasar o cumprimento da promessa, mas cada uma apresentou uma versão resplandecente de um novo e melhor futuro. E embora as campanhas de Trump e do *Leave* tenham baixado de nível de uma maneira sem precedentes (ou “sem-presidente”, como pode ser o caso<sup>6</sup>), cada uma de algum modo manteve a ilusão de uma mudança positiva. Um dos indícios do fracasso da campanha do *Remain* foi sua ausência de otimismo. Amplamente denegrido como “Projeto Medo”, ela oferecia a eleitores esgotados apenas a opção menos ruim.

Mas se a política contemporânea emprega o otimismo sustentado como um meio de persuasão entre outros, a economia neoliberal contemporânea o explora à exaustão. Os sistemas econômicos vigentes têm como premissa a promessa de um crescimento infinito, com o aumento do PIB usado como principal índice de aferição da força econômica e fundamento do progresso humano. Nenhum sacrifício é grande demais para alcançar esse progresso. Portanto, a imposição atual de medidas de austeridade<sup>9</sup> em muitas economias nacionais justifica-se pela ideia de que devemos aguentar tempos difíceis, ainda que temporariamente, a fim de recuperar os bons tempos. Em *Architecture of Neoliberalism*, Douglas Spencer argumenta de forma persuasiva que essas proposições acerca do crescimento e do progresso são oferecidas como uma verdade *de facto*, fundadas na razão providencial. “O neoliberalismo constrói e dissemina suas crenças sobre o mundo com o fim de torná-las aceitas como verdades consensuais”, escreve Spencer, e “é através dessas verdades que o pensamento neoliberal argumenta que sua racionalidade – apresentada simplesmente como o caminho natural do mundo – deve governar a conduta e a mentalidade do indivíduo”<sup>10</sup>

Embora os efeitos da economia neoliberal sejam profundamente políticos – abarcando da crescente desigualdade<sup>11</sup> à diminuição de fundos para programas públicos do Estado<sup>12</sup> – seus defensores

6 Discurso de despedida de presidência dos Estados Unidos por Barack Obama disponível em: <<https://www.nytimes.com/video/us/politics/10000004864201/watch-live-president-obamas-farewell-speech.html>>.

7 Anthony Giddens, *As consequências da modernidade* (Tradução: Raul Fiker). São Paulo: Editora Unesp, 1991, p. 124.

8 Disponível em <<https://www.theguardian.com/us-news/2016/dec/19/unpresidented-trump-word-definition>>.

9 Disponível em <<https://placesjournal.org/article/scarcity-contra-austerity/>>.

10 Douglas Spencer. *The Architecture of Neoliberalism: How Contemporary Architecture Became an Instrument of Compliance and Control*. London: Bloomsbury, 2016, p. 161.

11 Disponível em <<https://placesjournal.org/series/the-inequality-chronicles/>>.

12 Disponível em <<https://placesjournal.org/article/notes-toward-a-history-of-non-planning/>>.

13 Disponível em <<https://www.bloomberg.com/news/articles/2016-11-29/why-are-developers-still-pouring-billions-into-waterlogged-miami>>.

14 Spencer, *op. cit.*, p. 48. A “estrutura que determina como as coisas funcionam” é uma referência a Slavoj Žižek.

15 Patrik Schumacher, *The Autopoiesis of Architecture*, v. 2. London: Wiley & Sons, 2012, p. 472.

16 Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=lc9WvJqzmaw>>.

17 Giddens, *op. cit.*, p. 122.

18 Disponível em <<https://twitter.com/jeremytill>>.

alegam estar buscando as verdades mais elevadas da razão e, portanto, estarem além de qualquer motivação política direta. Essa neutralidade é uma miragem, mas é uma miragem brilhante, porque permite aos neoliberais ostentar a retórica otimista da liberdade individual e progresso coletivo, e permanecer aparentemente acima das tumultuadas contingências da vida política.

É justamente esse tipo de eliminação da esfera política que permite à arquitetura manter sua própria forma de otimismo sustentado. Considere, por exemplo, que sem ironia aparente, *Wired* publicou uma matéria em que proclamava as “25 obras-primas que provam que 2016 foi um ano incrível para a arquitetura”. A primeira de todas é o Faena Forum, do OMA, Miami Beach, que dificilmente poderia constar entre as principais obras desse escritório. A lista continua, com cada projeto descrito numa prosa de tirar o fôlego que se concentra sobre os atributos formais e materiais. Julgada a partir desses critérios, talvez a arquitetura tenha tido um ano incrível, embora seja difícil ver em que 2016 diferenciou-se muito em qualidade de qualquer outro ano da tectônica e da estética arquitetônica.

Considerada a partir de outros critérios, no entanto, 2016 não foi tão incrível para a arquitetura. Nos Estados Unidos, o *Architecture Billings Index* indicou uma “queda pouco comum” em novembro de 2016, e no Reino Unido as firmas de arquitetura registraram um palpável nervosismo e perdas de trabalho em seguida ao *Brexit*. Desnecessário dizer que *Wired* considerou suas escolhas deslocadas do contexto político, econômico e ambiental, o que poderia atrapalhar o clima festivo da matéria (Podemos lembrar aqui que Miami está cada vez mais ameaçada pelo aumento do nível do mar ou, como indagava o *Bloomberg News*, em seu próprio e menos otimista relato sobre o Faena District: “Por que empreendedores ainda despejam bilhões em uma Miami alagada?”<sup>13</sup>). Como apresentada em *Wired* – e em outros canais de divulgação tais como *Dezeen*, *ArchDaily* e *Inhabitat*, apenas para citar alguns entre os mais populares – esses novos edifícios brilhantes e felizes existem quase que inteiramente apenas em seus próprios termos. A conclusão inequívoca é que a arquitetura não emerge ou não existe dentro das complexidades sociais da política, cultura e natureza (É isso, talvez, uma versão arquitetônica de um mundo “pós-facto”?)

Assim, sustentamos nosso otimismo.

É fácil menosprezar *Wired* e *Dezeen* e todos os sites que proliferam na internet, nos quais o material sobre arquitetura geralmente consiste de fotografias e *press releases* (se muito, levemente retrabalhados) fornecidos pelas próprias firmas de arquitetura em uma profecia de excelência auto-realizada (e auto-promovida). É necessário também criticar tais publicações não só por serem consumidas com ansiedade e largamente influentes, mas porque sua aparência deslumbrante desloca a atenção das circunstâncias subjacentes à produção do espaço, que são inevitavelmente políticas, econômicas e ambientais. Como observa Douglas Spencer, “a arquitetura empreendeu, recentemente, uma inflexão pós-política. E parece...despreocupada, e mesmo francamente hostil, em mudar a ‘estrutura que determina como as coisas funcionam’”<sup>14</sup>. Essa mentalidade pós-política reflete-se nas tentativas cínicas de Donald Trump em justificar diversas posições hostis – misóginas, xenófocas, islamofóbicas – como uma anulação prática da “correção política”. O uso recorrente da expressão “policitamente correto” por parte de Trump para rejeitar, justificadamente, qualquer coisa fora de sua visão de mundo é ecoado por um dos principais protagonistas da arquitetura do neoliberalismo, Patrick Schumacher. Por um lado, Schumacher escreveu que “aqueles que querem debater arquitetura devem manter suas convicções políticas para si mesmo”<sup>15</sup>. De outro, em um fórum recente sobre arquitetura, ele argumentou que o valioso acervo imobiliário do centro de Londres devia ser esvaziado de todos os moradores de habitação social<sup>16</sup>. Essa proposta só é possível se se submete a uma ideologia em que a arquitetura é totalmente sujeita à lógica do mercado, que em sua suposta racionalidade é percebida como apolítica.

## Pessimismo cínico

Giddens define o “pessimismo cínico” como “um envolvimento direto com as ansiedades provocadas pelos perigos de altas-conseqüências” e “um modo de amortecer o impacto emocional das ansiedades através de uma resposta ou humorística ou enfasiada com o mundo”<sup>17</sup>. Se no momento há um humor predominante, pelo menos entre aqueles do lado perdedor de Trump/*Brexit*, é o pessimismo cínico. Ou, pelo menos, essa é a atmosfera dominante em meu Twitter<sup>18</sup>, onde ondas iniciais de choque

e fúria cederam espaço ao humor negro e à resignação: um *post* recente de Justin McGuirk capta essa sensação: “nesses dias meu Twitter é 50% Trump e 50% intelectuais de esquerda morrendo. Triste simetria#2017”<sup>19</sup>. Algumas vezes o Twitter pode funcionar como uma terapia consoladora, reafirmando que não estou sozinho. Mas tal espelhamento é precisamente o problema das mídias sociais, particularmente nas câmaras de ressonância, ou bolhas, da esquerda. O Twitter não constitui, na frase de Giddens, um “envolvimento direto”. É um placebo para a ação.

Considerando o meu *feed* social, eu encontro um mundo mais desafiante. Em geral, a direita não sofre de ansiedade, enquanto a esquerda é frequentemente angustiada ao ponto da paralisia (um exemplo é a preocupação de participantes da Marcha das Mulheres é que as energias por ela despertadas se dissipasse tão logo realizada a passeata). De volta ao início dos anos 1990, Giddens podia descrever o pessimismo cínico como uma “uma perspectiva com implicações práticas”<sup>20</sup>. Porém, os perigos e riscos agora são muito mais elevados, uma vez que o pessimismo cínico não é nem adaptativo nem produtivo. Portanto, tem poucas lições a oferecer em termos de ação política ou de produção arquitetônica. Se o pessimismo cínico oferece alguma resistência, é somente quando a última batalha se apresenta, quando o necessário é se preparar para a próxima batalha. Vamos restringi-lo às consolações do Twitter.

### Aceitação pragmática

“Aceitação pragmática”, diz Giddens, “envolve uma concentração em ‘sobreviver’. O que está em questão aqui é ...uma participação pragmática que mantém um enfoque nos problemas e tarefas do dia-a-dia”<sup>21</sup>. Poucas horas depois de Donald Trump ser declarado presidente eleito dos Estados Unidos, Robert Ivy, CEO do *American Institute of Architects* (AIA), emitiu um comunicado à imprensa em apoio à administração que assumia. Vale a pena citá-lo todo, não apenas porque a linguagem e sentimento são muito reveladores, mas também porque, aparentemente, o AIA retirou o documento do seu site:

*O AIA e seus 89.000 membros estão comprometidos a trabalhar com o presidente-eleito Trump para*

*enfrentar as questões que nosso país enfrenta, particularmente fortalecer a envelhecida infraestrutura da nação. Durante a campanha, o presidente-eleito Trump comprometeu-se a gastar pelo menos 500 bilhões de dólares em infraestrutura ao longo de cinco anos. Estamos prontos a trabalhar com ele e com o próximo 115º Congresso para assegurar que os investimentos em escolas, hospitais e outras infraestruturas públicas continuem a ser a principal prioridade.*

*Também parabenizamos os membros do novo 115º Congresso por sua eleição. Instigamos tanto a próxima administração Trump quanto o novo Congresso a trabalhar no sentido de fortalecer o papel do setor de projeto e construção como principal catalisador na geração de emprego através de toda a economia americana.*

*Este foi um processo eleitoral difícil e controverso. Agora é hora de todos nós trabalharmos juntos para desenvolver políticas que ajudem nosso país a avançar*<sup>22</sup>.

A tempestade de protestos<sup>23</sup> que esse comunicado despertou foi bem articulado<sup>24</sup> por Michael Sorkin em seu contundente “Arquitetura contra Trump” (*Architecture Against Trump*). “Estamos consternados”, escreveu ele, “com a moderada, agradável e, na verdade, irresponsável declaração que o diretor da AIA emitiu em nome dos seus membros, embora, claramente, sem qualquer consulta a eles, acerca da eleição de Donald Trump”. A AIA buscou aplacar seus críticos com pedidos de desculpas por escrito e por vídeo que só pareciam piorar as coisas. Mas, pensemos a respeito. Foi tão surpreendente assim a declaração da AIA, com seu mal disfarçado oportunismo, seu tom de concordância? Por certo a absoluta presteza do comunicado, sugerindo ao mesmo tempo uma operação suave e carregada de clichês e de uma avidez extrema e sinfônica para agradar, foi desagradável. No entanto, o conteúdo era totalmente previsível por parte de uma organização profissional que nas décadas recentes perdeu sua reputação de credibilidade ética e liderança. O comunicado de imprensa foi epítome da aceitação pragmática.

Tal fato tornou ainda mais evidente a confusão e ineficácia política e moral de nossas organizações profissionais. Embora criadas para funcionar

<sup>19</sup> Disponível em <<https://twitter.com/justinmcguirk/status/820444402183184384>>.

<sup>20</sup> Giddens, *op. cit.*, p. 122.

<sup>21</sup> Giddens, *op. cit.*, p. 120.

<sup>22</sup> N.T.: Numa busca realizada na internet pelo autor em meados de janeiro de 2017, a página do site da AIA em que constava essa declaração havia sido retirada do ar.

<sup>23</sup> Disponível em <<https://twitter.com/hashtag/NotMyAIA?src=hash&lang=en>>.

<sup>24</sup> Disponível em <<https://www.dropbox.com/s/ddt6123bl7alxq1/Architecture%20Against%20Trump%20by%20Michael%20Sorkin.pdf?dl=>>>.

como guardiões do saber disciplinar e da posição profissional, árbitros da ética que deve reger a prática, a AIA e o Royal Institute of British Architects têm se tornado em parte organizações comerciais e em parte promotoras da indústria. Esta última função, em grande medida uma questão de atribuição de honras e prêmios, fornece o brilho, o resplendor de prestígio e os acenos obrigatórios aos ideais de excelência. Mas é aquela primeira função o âmago do negócio. A principal incumbência da AIA e do RIBA é proteger a subsistência econômica dos seus membros, e o mais seguro e mais pragmático meio de se fazer isso é alinhar-se aos eixos de poder. Daí a prontidão da AIA em se comprometer a trabalhar com Trump no âmbito da infraestrutura nacional, mesmo que a primeira ordem de serviço seja a construção do ultrajante muro da fronteira com o México. Essa vontade de sobreviver é tão prevaiente que sufoca quaisquer sensibilidades inconvenientes de seus associados com diferenças políticas e étnicas, fazendo vista grossa ao desdém demonstrado por Trump em relação ao conhecimento e à experiência profissional. (Como escreveu Belmont Freeman<sup>25</sup> nessa revista, nas últimas semanas de campanha, Trump ganhou fama por seu tratamento desrespeitoso aos arquitetos<sup>26</sup>). Pior do que isso: ignora as posições de Trump, de negação da mudança climática, intolerância racial e sexismo. O efeito mais danoso da declaração da AIA foi o de, em único golpe, ter aceito e assim legitimado a retórica de Trump. Que essa legitimação tenha começado com tal indevida prontidão, mostra até que ponto nossos órgãos profissionais se desviaram da sua missão inicial.

Nessa perspectiva, a aceitação pragmática torna-se cumplicidade indefensável e indiscriminada com as estruturas de poder vigentes. O RIBA capitulou a essa postura acomodatória algum tempo atrás, como ficou claro por seu “Plano de Trabalho” [“*Plan of Work*”]. Em sua versão mais recente, de 2013, o primeiro estágio de trabalho é a “definição estratégica”, que soa importante até ler o que isso significa: “assegurar que o Plano de Negócios [“*Business Case*”] do cliente e o Documento Estratégico [“*Strategic Brief*”] sejam devidamente considerados antes da elaboração do Boletim Inicial do Projeto [“*Initial Project Brief*”]. Este é o ponto: não importa se o plano de negócios é corrupto ou produziria dano ambiental ou desigualdade social. Com essa prioridade estabelecida de saída, o resto inscreve-se perfeitamente nessa direção. Considere o terceiro estágio, “conceito de projeto”

[“*concept design*”] que poderia dar a impressão de abrir possibilidades imaginativas, “*conceituais*”. Contudo, essas são rapidamente inviabilizadas quando lemos que isso significa: “propostas de anteprojeto para projeto estrutural, sistemas de serviços do edifício, esboços de especificações e custos de informações [“*Cost Information*”] preliminares juntamente com estratégias de projeto [“*Project Strategies*”] relevantes em conformidade com o programa do projeto [“*Design Programme*”]. Esse é o tipo de descrição que dificilmente dispara a criatividade, e teme-se que sua simples apresentação aos estudantes possa reduzir suas esperanças acerca das aspirações da profissão. Mas é essa a linguagem que inevitavelmente se segue uma vez que o sistema esteja delimitado por demandas instrumentais de um plano de negócios e, por extensão, pelos parâmetros do capital.

Era de se esperar encontrar resistência a esse conluio acrítico na universidade. No entanto, as tendências dominantes da teoria acadêmica nos Estados Unidos sugerem uma aceitação pragmática similar. Eu me refiro ao assim chamado “giro pós-crítico” [post-critical turn], desencadeado pelo ensaio “Notas em torno do efeito Doppler e outros humores do modernismo” [“*Notes around the Doppler Effect and Other Moods of Modernism*”]<sup>27</sup>, de 2002, no qual os autores Robert Somol e Sarah Whiting defendiam a mudança de uma atitude crítica para o que eles denominaram de “propositiva”. Esta é sua conclusão:

*No âmbito da arquitetura, um projeto de alto desempenho, ou solicitando uma plausibilidade surpreendente, sugere o abandono de uma prática arquitetônica crítica - que é reflexiva, representativa e narrativa - em favor de uma prática propositiva. Estabelecer este programa propositivo não implica necessariamente em uma capitulação às forças de mercado, mas na verdade respeita e organiza múltiplas economias, ecologias, sistemas de informação e grupos sociais.*

Esse “necessariamente” é eloquente. Ele pode ser lido simultaneamente como uma admissão de culpa, uma advertência ou um convite. As iterações subsequentes da teoria pós-crítica estão mais claramente imersas no mercado; como discute Douglas Spencer, “a teoria foi moldada até poder ser posta em funcionamento para e dentro do neoliberalismo”<sup>28</sup>. “Theory was interesting ... but now we have work”<sup>29</sup>, afirmava o título de

<sup>25</sup> Disponível em <<https://placesjournal.org/article/post-trump/>>.

<sup>26</sup> Disponível em <[https://twitter.com/Arch\\_Lobby/status/823651096958791680](https://twitter.com/Arch_Lobby/status/823651096958791680)>.

<sup>27</sup> Robert Somol and Sarah Whiting, “Notes around the Doppler Effect and Other Moods of Modernism”, *Perspecta* 33, 2002, p. 72-77. O trecho citado em seguida encontra-se na p. 77.

<sup>28</sup> Spencer, *op. cit.*, p. 46.

<sup>29</sup> Michael Speaks, “Theory was interesting ... but now we have to work”, *Architecture Research Quarterly*, n. 3, v.6, 2002, p. 209-202.

<sup>30</sup> Reinier de Graaf, "Viewpoints: Architecture is now a tool of capital, complicit in a purpose antithetical to its social mission", *The Architectural Review*, 24 abril, 2015. Disponível em <<https://www.architectural-review.com/rethink/viewpoints/architecture-is-now-a-tool-of-capital-complicit-in-a-purpose-antithetical-to-its-social-mission/8681564.article>>.

<sup>31</sup> Giddens, *op. cit.*, p. 122.

<sup>32</sup> Disponível em <<http://www.telegraph.co.uk/news/2016/11/12/nigel-farage-arrives-at-trump-tower-in-bid-to-become-first-brit/>>.

<sup>33</sup> Disponível em <<http://www.motherjones.com/politics/2016/09/donald-trump-first-day-in-office>>.

<sup>34</sup> John Berger, *Sense of Sight*. New York: Knopf, 198, p. 275.

<sup>35</sup> Disponível em <<http://archiparlour.org/about/>>.

um artigo em que Michael Speaks lamentava os princípios obscurantistas do discurso arquitetônico do final do século 20 e apelava para o "retorno ao senso comum". Era totalmente previsível que Rem Koolhaas, o mestre do equilíbrio na corda bamba entre teoria e prática, política e poder, alterasse o rumo de suas cortantes críticas iniciais para o pragmatismo resignado de seus últimos livros, incluindo *Contente os Harvard Guides*. "Talvez alguns dos nossos compromissos mais interessantes sejam acrílicos, compromissos enfáticos", argumentava Koolhaas em uma conferência em 1994, "que tratam algumas vezes da dificuldade insana de um projeto arquitetônico lidar com uma incrível acumulação de questões econômicas, culturais e políticas e também logísticas". Em um artigo de opinião na *The Architectural Review* em 2015, Reinier de Graaf, sócio do OMA, é mais enfático, ou talvez mais resignado: "A arquitetura agora é uma ferramenta do capital, cúmplice em um propósito antitético a seu antigo empenho ideológico"<sup>30</sup>.

A aceitação pragmática era talvez uma reação inevitável à exaustão da teoria e às seduções do boom. Mas agora *Brexit* e Trump e o extremismo das forças que desencadearam demandam que olhemos para outras posições, outras táticas; que confrontemos as realidades deste momento e avancemos novas e corajosas alternativas.

## Engajamento radical

Giddens descreve o engajamento radical como "uma atitude de contestação prática para com as fontes percebidas de perigo. Aqueles que assumem uma postura de engajamento radical alegam que, embora estejamos cercados por graves problemas, podemos e devemos nos mobilizar para reduzir seu impacto ou para transcendê-los. Esta é uma perspectiva otimista, mas vinculada à ação contestatória ao invés de uma fé na análise e discussão racional. Seu veículo principal é o movimento social"<sup>31</sup>. A rápida sucessão dos dois golpes seguidos do *Brexit* e Trump, e as ameaças de ruptura profunda, deixaram muitos sentindo-se ansiosos e assustados, perguntando-se o que fazer, como responder. Alguns dias, o carro de Jagrená parece realmente fora de controle, alimentado por novas fontes de perturbação (*hackers* russos, mídia nacionalista-branca da direita alternativa, posturas pós-realistas). As zombarias de "mau perdedor" e o triunfalismo demagógico de Trump e dos *Brexiters*

(tão terrivelmente fundidos na oportuna fotografia de Trump e Farage na torre de ouro<sup>32</sup>) reforçam mais ainda o sentimento de impotência, diminuindo as esperanças de uma ação individual e coletiva.

Mas espere. Olhemos além da superfície, além das fotografias oportunas e slogans de campanha, e rapidamente torna-se evidente que nem a insurgência tem muita capacidade de implementar sua agenda. Trump já está voltando atrás<sup>33</sup> em promessas-chave de sua campanha. Muitos meses depois, os *Brexiters* ainda estão flutuando em platitudes como "*Brexit* significa *Brexit*" sem precisar o que diabos, que inferno, isso quer dizer. Em ambos os casos, ideologias simplistas estão se desintegrando frente a duras e complexas realidades.

O que significa que muito ainda está em jogo. Mas necessitamos agir, e rápido. O falecido John Berger colocou perfeitamente:

*A produção da realidade nunca tem acabado, seu resultado nunca tem sido conclusivo. Algo está sempre em balanço. A realidade está sempre em falta. Mesmo de nós, malditos e marginais como podemos ser*<sup>34</sup>.

A realidade nunca esteve mais em falta do que agora, em que está sendo assaltada por falsidades e duplicidades, reinventada por manipuladores da nova mídia e ignorada por líderes políticos. Mas, como Berger nos recorda, ela está sempre em balanço. As coisas não estão definidas. Sinais de declínio da democracia deveriam de fato ser lidos como estímulos ao engajamento. Para os arquitetos, como um chamado para agir como profissionais-cidadãos.

Na verdade, alguns já estão agindo, principalmente através do estabelecimento de novas organizações que buscam articular o profissional e o político. Na Austrália, o *Parlour: Women, Equity, Architecture*<sup>35</sup>, uma organização sem fins lucrativos baseada na internet, dedica-se a promover a igualdade no ensino e na prática de projeto. Fundado em 2012 por um grupo de mulheres lideradas pela editora Justine Clark e a pesquisadora e colunista do *Places Journal*, Naomi Stead, *Parlour* opera de várias formas: publica pesquisas, artigos acadêmicos e de opinião e criou uma série de *Guides to Equitable Practice*; co-patrocina workshops da Wikipedia com o objetivo de escrever sobre mulheres na enciclopédia on-line

e deu início a *Marion's List*, um registro público de mulheres na arquitetura australiana e nas disciplinas do ambiente construído. Nos Estados Unidos, *The Architecture Lobby*<sup>36</sup> é uma "rede descentralizada" de arquitetos que "defende o valor da arquitetura para o público em geral e o trabalho arquitetônico no interior da disciplina". Fundada em 2013 pela professora e arquiteta Peggy Deamer, o grupo organiza debates ao redor do país, co-patrocina instalações e competições, publica panfletos e um manifesto [*Asymmetric Labors: The Economy of Architecture in Theory and Practice and The Architecture Lobby Manifesto*], e recentemente participou da Marcha das Mulheres em Washington. Na Inglaterra, um grupo de arquitetos lançou recentemente o *Concrete Action*<sup>37</sup>, uma plataforma baseada na internet focada na abordagem da "habitação e crise da propriedade no Reino Unido". Seus membros permanecem anônimos, com o objetivo de servir como informantes que recebem e compartilham informação (por exemplo, sobre potenciais despejos de inquilinos) com a intenção de tornar a renovação mais responsável.

Esses são apenas três exemplos de uma ampla e crescente ênfase sobre a ação social na prática

arquitetônica. Um desafio dos próximos anos será fortalecer esses esforços, que em sua maior parte permanecem operações limitadas, dependentes de doações e subsídios e dos investimentos de seus fundadores e voluntários. Há a necessidade urgente de que as grandes instâncias profissionais aprendam com e apoiem a energia e o *ethos* de tais organizações.

E todos precisamos agir no sentido de despertar novos potenciais. Na academia, através de um realinhamento com o real e a revitalização da teoria como uma forma de crítica embasada. Na prática, através de uma reconsideração do que significa ser um cidadão-arquiteto. Em nossa vida cotidiana, através de um reengajamento com a empatia, uma qualidade humana severamente castigada em ambas as campanhas, e através de uma reintegração do pessoal e do político com a confiança de que há oportunidades a serem exploradas. Porque, como o falecido Mark Fisher argumenta no final do seu seminal *Capitalist Realism*, "a longa e sombria noite do fim da história tem que ser compreendida como uma enorme oportunidade. ...De uma situação na qual nada pode acontecer, de repente alguma coisa é novamente possível"<sup>38</sup>.

<sup>36</sup> Disponível em <<http://architecture-lobby.org/>>.

<sup>37</sup> Disponível em <<https://www.concreteaction.net/>>.

<sup>38</sup> Mark Fisher, *Capitalist Realism*. Winchester: OBooks, 2009, p. 80-81.